

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*

MARCOS SÁ CORRÉA — *Editor*

FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

Porta Errada

Aumenta a aflição nos meios empresariais, com as cores sombrias do quadro recessivo. Os salários perdem poder de compra. As vendas continuam em queda livre. Os estoques encalham, sem perspectivas favoráveis para novembro e dezembro, quando o comércio fatura 40% do ano, porque governo mantém o rigor monetário e os juros reais superam os 120% ao ano.

Compreende-se a preocupação do comércio com a continuação da recessão em 1991, e de outras falências e concordatas: a inflação não cede e irradia a sensação de que o governo intensificará o rigor da política econômica para trazer a taxa mensal abaixo de um dígito.

Mas foi um equívoco a Fiesp convocar a ministra da Economia para auscultar na fonte as apreensões empresariais, sabendo que ouviria um *não* a qualquer pedido de afrouxamento dos controles antiinflacionários. Este é o preço do saneamento do país, depois de uma década de desordem fiscal e monetária, causada pela presença excessiva do Estado na economia.

Os Estados Unidos também passam por uma forte recessão, com centenas de bancos na falência, e inadimplência de setores empresariais importantes (como a indústria imobiliária, a agricultura e a indústria de equipamentos de petróleo). Obras públicas estão paradas, por incapacidade financeira do Tesouro americano. Prefeituras estão à beira da bancarrota, como a de Nova Iorque.

Os momentos de recessão ensinam às empresas e às sociedades. O empresariado aprende nas crises a reagir objetivamente. As economias têm ciclos de ascensão e recessão. O empresário é alguém que sabe traçar estratégias adequadas aos dois ciclos, investindo os lucros da fase de prosperidade, para modernizar tecnologicamente o negócio, e reduzindo custos para ganhar economia de escala.

No Brasil, as distorções do falido modelo econômico produziram tantos estragos, que os empresários perderam o senso de empreendedores. Muitos deixa-

ram de investir em tecnologia e no aperfeiçoamento gerencial. Perdiam dinheiro de dia nas atividades operacionais, para ganhar à noite, aplicando no *overnight*, como sócios da inflação.

As lideranças empresariais cansaram de criticar os governos pelas mudanças bruscas na gestão econômica. Pediam, de público, a liberdade de preços e do comércio exterior, a desregulamentação e a privatização das estatais. Nos gabinetes do governo, no entanto, manobravam para manter subsídios, reservas de mercado e toda a sorte de privilégios.

Houve um sistemático estreitamento do mercado interno, com o modesto crescimento econômico e maior concentração de renda. Sem participar dos lucros, os salários perderam poder de compra. Dados do Banco Central indicam que a renda *per capita* (divisão da renda nacional pela população) cresceu apenas 0,4% na década passada.

A indústria automobilística vendia um milhão de carros em 1980, hoje vende 600 mil carros por ano; o mercado imobiliário também não atende à demanda, pelo fosso aberto entre a renda dos assalariados e os preços dos imóveis, devido à especulação com os terrenos urbanos.

O atual governo, com o respaldo de 35 milhões de votos, teve a coragem de enfrentar a reforma estrutural da economia, seguindo as máximas da economia de mercado. O ajustamento é doloroso e mexe com privilégios cristalizados. Os empresários deveriam se agarrar aos princípios da economia liberal e procurar superar as dificuldades dentro do próprio mercado, na negociação de empresa para empresa, em lugar do velho expediente de recorrer ao governo como tábua de salvação.

O exemplo americano está aí mesmo mostrando que na economia de mercado não cabe bater às portas do governo para pedir socorro. O empresário brasileiro deve perder o medo de assumir todos os riscos do mercado, que já provou ser o melhor e mais eficiente sistema econômico.